

MICHAEL SPENCE



PARA ALÉM DO CAPITALISMO

Um novo olhar para
os desafios de um sistema
em esgotamento



Copyrighted Material

Copyrighted Material

MICHAEL SPENCE

PARA ALÉM DO CAPITALISMO

Um novo olhar para
os desafios de um sistema
em esgotamento



Voo

Copyrighted Material

Copyrighted Material

MICHAEL SPENCE



PARA ALÉM DO CAPITALISMO

Um novo olhar para
os desafios de um sistema
em esgotamento



VOO

Copyrighted Material

PARA ALÉM DO CAPITALISMO

Um novo olhar para os desafios de um sistema em esgotamento

Copyright © 2014 by Michael Spence

Autor: Michael Spence
Coordenação editorial: Cláudia Kubrusly, Joana Mello e Priscila Seixas
Tradução: Sílvio Urbano
Revisão técnica: Bernadette Castilho, Léa Kogut e Meiri Inoue
Preparação: Priscila Seixas
Revisão: Luciana Moreira e Raquel Benchimol
Capa e projeto gráfico: Sérgio Campante
Ilustrações da capa: Sérgio Campante e Ardea-studio
Diagramação: Maurício Carneiro

After capitalism de Michael Spence foi publicado inicialmente em húngaro em 2012 sob o título A Kapitalizmus Után pela editora Remedium, Nagykvacs, Hungria. Esta edição é uma revisão do original em inglês.

Catálogo na Publicação (CIP)

S744 Spence, Michael, 1931-
Para além do capitalismo : um novo olhar para os desafios de um sistema em esgotamento / Michael Spence ; tradução Sílvio Urbano. - 1. ed. - Belo Horizonte : Voo, 2021.
279 p.

Título original: After capitalism

ISBN 978-65-89686-17-0

1. Economia 2. Economia - Aspectos sociais 3. Capitalismo I. Urbano, Sílvio II. Título

CDD: 330

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334



IMPRESSO NO BRASIL



CADEIA RESPONSÁVEL



UM POR UM: CADA LIVRO, UMA CONTRAPARTIDA SOCIAL



PROJETO COLABORATIVO



Reservados todos os direitos de publicação à:
Editora Doyen Ltda.
Rua Alagoas, 125 - Belo Horizonte/MG - CEP 30.130-160
www.editoravoo.com.br

Prefácio [9]

Introdução [13]

Parte 1 [21]

1. A necessidade da mudança [22]

2. As três esferas

– Um primeiro olhar [30]

| | |
|--|----|
| Dinheiro | 35 |
| A sociedade trimembrada como uma expressão do ser humano em evolução | 35 |
| Polaridades | 38 |

3. A esfera econômica

– Conceitos básicos [40]

| | |
|--|----|
| O apanhador de amoras | 41 |
| A esteira rolante | 44 |
| As duas atividades criadoras de valor | 45 |
| A tensão criadora de valor | 47 |

4. O processo econômico – Divisão de trabalho [48]

| | |
|----|-----------------------------------|
| 48 | O processo econômico básico |
| 50 | Compra e venda |
| 51 | Lucro |
| 51 | Valor econômico |
| 52 | Preço |
| 54 | O preço médio |
| 55 | Um preço “ideal” ou “correto” |
| 56 | Consumo |
| 56 | A origem do dinheiro |
| | Fábrica, trabalhos manuais e |
| 57 | agricultura |
| 58 | Os limites da atividade econômica |
| 59 | O estudo da economia |

5. Evolução, consciência humana e as origens da lei [61]

| | |
|----|-------------------------------|
| 61 | A evolução da lei |
| | Do mandamento divino à lei do |
| 63 | Estado |
| 64 | O grupo e o indivíduo |
| | A consciência de uma única |
| 67 | humanidade |

6. A Igualdade e o papel do governo [70]

| | |
|----|-----------------------------|
| 71 | Igualdade – A base da lei |
| 73 | Governo democrático |
| | A criação de limites para a |
| 76 | atividade econômica |
| 78 | A esfera jurídica separada |

7. Direitos, moralidade e leis [81]

| | |
|---------------------------|----|
| O que são direitos? | 82 |
| A lei escrita | 83 |
| A natureza inumana da lei | 86 |
| Consciência e lei | 88 |

8. A vida cultural – As necessidades da alma [90]

9. A vida cultural – Sua atuação e sua natureza [102]

| | |
|---|-----|
| Atuação cultural | 103 |
| Os motivos e as formas de pagamento para o trabalho | 105 |
| Autoridade dentro da esfera cultural | 109 |
| Único <i>versus</i> igual | 112 |
| Responsabilidades dos que atuam na vida cultural | 113 |
| A liderança da vida cultural | 115 |

10. Trabalho, remuneração e liberdade humana [117]

| | |
|--|-----|
| O trabalho é comprado? | 119 |
| Ou é o produto do trabalho que é comprado? | 123 |
| O definir do trabalho econômico | 125 |

11. Os lenhadores e a criação de capital [127]

| | |
|------------------------------------|-----|
| O lenhador e a criação do capital | 128 |
| Dinheiro de compra | 131 |
| Capital para empréstimo | 132 |
| O guindaste | 133 |
| Gestão e trabalho | 135 |
| O médico e o sapateiro | 137 |
| O crescimento do capital excedente | 138 |

12. Capital de doação [141]

| | |
|---|-----|
| Entre as esferas jurídica e econômica | 144 |
| Entre as esferas cultural e econômica | 146 |
| Capital de doação atuando | 147 |
| Econômico/cultural – O equilíbrio das doações | 151 |

13. Mutualidade e “associações econômicas” [154]

| | |
|---|-----|
| Egoísmo e mutualidade | 155 |
| Centro e periferia | 156 |
| Oferta e demanda | 157 |
| Desemprego | 158 |
| Trabalho associativo – O que pode ser alcançado em um grupo | 160 |
| Associação econômica e os limites para a atividade econômica | 162 |
| Podemos de fato trabalhar com o conceito de “sociedade como um todo?” | 166 |

Parte 2 [171]

14. Dinheiro – Sua natureza e criação [172]

| | |
|--------------------------------|-----|
| O dinheiro na sociedade | 173 |
| A voz que corrompe no dinheiro | 175 |
| Sua origem material | 176 |
| O surgimento do sistema | |
| financeiro atual | 177 |
| A criação do dinheiro | 180 |
| Os três casacos | 182 |
| Os 200 reais produziram | |
| o casaco? | 184 |

15. A propriedade da terra [186]

| | |
|--------------------------------|-----|
| O direito a uma parte da terra | 186 |
| As origens da lei de | |
| propriedade da terra | 189 |
| O mercado de terras | 192 |

16. As duas economias, dívida capitalizada e doação compulsória [194]

| | |
|-------------------------------|-----|
| Dívida aberta ou visível | 197 |
| Dinheiro falso | 199 |
| Dívida oculta ou capitalizada | 200 |
| A criação da dívida futura | 202 |
| Aluguel ou doação compulsória | 203 |

17. A estrutura e a propriedade dos negócios [207]

| | |
|-------------------------------------|-----|
| Proprietários e funcionários | 209 |
| As leis e a propriedade do trabalho | 211 |
| Os fabricantes de tecidos | 214 |
| O mercado ou a bolsa de valores | 216 |
| O fabricante de móveis | 217 |

18. A organização única e a economia como um todo [224]

| | |
|-----|---------------------------------|
| 226 | Lucro – Uma visão ampliada |
| 228 | Lucro – A quem ele se deve? |
| | A natureza do capital investido |
| 230 | e da propriedade |
| 233 | O valor do acionista |

19. Merecemos o que compramos? [236]

| | |
|-----|--------------------------------|
| | Dinheiro como um poder sobre o |
| 236 | trabalho dos outros |
| | Pagamento como parte do |
| 237 | produto de uma comunidade |
| | Quem trabalha para produzir o |
| 240 | que nós compramos? |
| | Nós “ganhamos” dinheiro ou nós |
| | “ganhamos” o que compramos |
| 242 | com o dinheiro? |

20. Quem paga? [246]

| | |
|-----|--------------------------|
| | Os mercados e o preço do |
| 251 | petróleo |

21. O social e o antissocial [254]

| | |
|-----|----------------------|
| | Colaboração mútua ou |
| 254 | sociedades |
| 256 | Desmutualização |
| 259 | O túnel |

22. E o futuro? [266]

Sobre o autor [277]

Prefácio

Por Bernadette Castilho, Léa Kogut e Meiri Inoue*

Muitos de nós temos nos questionado sobre o que podemos fazer para dar um passo além de onde chegamos com o capitalismo. Com ele, construímos grande parte dos alicerces positivos da sociedade atual. Mas as recorrentes crises econômicas e a falta de prosperidade para os muitos e grandes desafios sociais e ambientais nos mostram que devemos evoluir para um novo paradigma e uma nova forma de lidar com a economia, conservando as conquistas benéficas para a vida e para o planeta.

Esse passo regenerativo exige entendermos como a sociedade funciona, quais são seus elementos-chave e como eles poderiam se inter-relacionar de modo mais saudável.

Provocadas por essas inquietações e na busca por compreender quais são os possíveis “pontos de acupuntura” para uma transformação sistêmica na sociedade, nos deparamos com este livro.

Escrito há mais de uma década e fruto de muitos anos de observação dos fenômenos sociais e econômicos de seu trabalho como pesquisador e empreendedor, o conteúdo de Michael Spence nos surpreende positivamente pela contemporaneidade.

Há tamanha clareza, essencialidade e didática no modo como Spence aborda esse tema tão complexo que, em muitos momentos, nos percebemos refletindo “por que não pensei nisso antes?”.

Ao longo da leitura, mergulhamos profundamente numa jornada de despertar da consciência. Em alguns momentos, somos atingidos por um “soco no estômago”. Por outro lado, surge a sensação de que a possibilidade de melhorias no mundo existe; um mundo mais livre, justo e fraterno, a partir de uma nova compreensão de como podemos lidar com a esfera cultural, jurídica e econômica da sociedade.

Spence também nos faz viajar no tempo e possibilita uma visão abrangente e, ao mesmo tempo, detalhada sobre como chegamos nos dias atuais.

Essa visão temporal também nos permite captar o quão importante é para a humanidade como um todo e para cada ser humano cultivar suas capacidades e sua sensibilidade para a necessidade do outro, e como elas estão intimamente interligadas.

Falar de economia pressupõe falar também de dinheiro e preço. Temas muitas vezes considerados tabu. Mas a forma como o autor os aborda neste livro gera uma perspectiva de um fluxo saudável do dinheiro: um ciclo de nascimento e morte que se inicia pelo dinheiro de compra, passa pelo dinheiro de empréstimo ou investimento e morre como dinheiro de doação.

Sem respostas prontas para fazer frente às questões atuais, *Para além do capitalismo* é um livro que provoca reflexões para que sejamos nós os protagonistas das soluções rumo à Prosperidade²¹.

Assim como nós, muitos líderes, gestores, consultores e agentes de mudança de diversas áreas também se debruçam sobre essas questões e acreditam nessa jornada de descoberta e transformação. Nosso agradecimento a todos que apoiaram o projeto de publicação desta obra no Brasil: Adigo Desenvolvimento Empresarial e Familiar, Associação Crescer Sempre, Associação Ecosocial Investimentos Sociais, Confecções T. Christina, Goodessence Cosméticos, Lumo Liderança Cultura e Mobilização, Ônix Empreendimentos e Participações, Plongê Consultoria Capital Humano e Sociedade Transformar Desenvolvimento e Treinamento, além de pessoas especiais que compõem essa rede de parceiros.

*** Bernadette Castilho, Léa Kogut e Meiri Inoue
são cofundadoras da associação Parsifal²¹.**

Introdução

Este livro foi escrito, em sua maior parte, antes da crise financeira que eclodiu em 2008. O que aconteceu naquele ano, e os seus efeitos ainda presentes, indica a necessidade urgente de questionarmos toda a base do atual pensamento financeiro e econômico. Já existem sinais do início de uma outra bolha financeira, que poderá explodir com consequências ainda mais devastadoras que a anterior se a deixarmos crescer. A única coisa que parece certa hoje em dia é que ninguém tem certeza de como impedir que isso aconteça uma vez mais. De fato, foram apenas decisões ruins referentes aos reais valores de hipotecas, numa tentativa de maximizar os lucros? Ou existe algo muito mais profundo — uma falha já estabelecida na atual estrutura financeira dos mercados?

Em suas origens, e até recentemente, bancos e instituições que surgiram ao seu redor se desenvolveram sobre os alicerces da economia “real”, isto é, a atividade econômica que produzia aquilo de concreto de que as pessoas necessitavam para viver, trabalhar e se divertir. Por trás do dinheiro, estavam produtos existentes ou itens a serem produzidos no futuro. Mas o mundo financeiro se afastou muito do que antes lhe dava sustentação e adentrou um local ilusório, onde os valores surgem e desaparecem dependendo de como as pessoas pensam a respeito deles. O montante sempre crescente de dinhei-

ro, ou valor monetário, que forma a riqueza de hoje não é fundamentado na realidade. Enquanto isso, o mundo passou a ver e a tratar o dinheiro como se tivesse valor em si mesmo.

Enquanto no passado o dinheiro em circulação representava valores reais criados pelo trabalho das pessoas, hoje em dia o dinheiro ganha vida por meio da compra e venda dos chamados ativos, que poderiam ser mais apropriadamente descritos como *direitos*: direitos adquiridos pela compra e propriedade de terras, casas, negócios, além dos produtos do trabalho de outras pessoas. Neste livro, mostro que o lucro gerado pelo comércio desses “direitos” atua em uma sociedade da mesma forma que dinheiro falso, exceto pelo fato de que o primeiro é legal e o segundo, ilegal. Se, em dado momento, viesse à tona que uma vasta quantidade de dinheiro falso está em circulação, e, portanto, sem nenhum valor, seria criada uma situação não muito diferente da que temos hoje. Nesse caso, os governos também seriam forçados a cobrir o valor desse dinheiro falso para impedir um colapso total da economia.

Além disso, mostro que pagamentos como aluguéis e dividendos são formas parasitárias do que descrevo como “doações compulsórias”. Essas “doações” permitem que algumas pessoas vivam do trabalho de outras. E isso é demonstrado com base em observação de fatos econômicos, e não em valores morais.

Embora neste momento essa crise possa já estar resolvida, algumas questões muito sérias permanecerão. O capitalismo, por sua natureza, cria enormes quantidades do que eu chamo de “dívida capitalizada” (eu exploro profundamente essas duas ideias – “doações compulsórias” e “dívida capitalizada” – no capítulo 16). Essa dívida se acumula e precisa ser liquidada em algum momento. A presente crise mostra que a “liquidação da dívida” inevitavelmente causará um sofrimento pessoal considerável e uma grande turbulência no tecido social. Obviamente, o sistema financeiro atual do capitalismo não pode continuar sem mudanças. Algum outro modelo social precisa ser encontrado.

Mas esta crise, a mais recente das muitas que ocorreram nos dois últimos séculos, tem provocado em pessoas de todos os espectros sociais sérias perguntas relativas às nossas estruturas financeira, econômica e social. Mesmo assim, tudo parece tão distante que ninguém ainda foi capaz de alcançar as

causas mais profundas dessas crises, e somente sua correção e cura podem prevenir de acontecerem novamente.

Muita culpa é posta nos “banqueiros” e sua cultura de bônus, culpa essa que tende a reduzir o problema a uma questão moral. Muitos de nós, ao nos encontrarmos em uma situação parecida, agiríamos da mesma forma. O dinheiro exerce uma poderosa e cada vez mais forte atração em nossa cultura atual, e isso demanda uma força moral muito além da que a maioria de nós possui para resistir à tentação, quando se tem a oportunidade de “fazer dinheiro” de forma legal. Também não é suficiente apenas intervir nas leis numa tentativa de forçar as pessoas a atuar moralmente. É necessária uma mudança radical em toda a estrutura da sociedade humana. Uma mudança que emerja da natureza inerente à humanidade.

*

Este livro é baseado na observação da vida, e não em quaisquer crenças ou teorias econômicas, políticas ou religiosas. Começa apresentando a percepção de que a sociedade, ou a comunidade humana, consiste em três esferas de atuação entretecidas. Depois, prossegue mostrando que muitos dos problemas sociais de hoje, especialmente aqueles que envolvem dinheiro e a crescente distância entre ricos e pobres, poderosos e indefesos, são consequências de uma estrutura social fundamentada nas reminiscências de um modelo de comunidade teocrática de um lado, e, do outro, na incapacidade de distinguir as três esferas da sociedade.

Todos nós somos condicionados pela forma de pensar dominante na sociedade em que vivemos, e é muito complexo reconhecê-la e nos livrarmos dela. Algumas das ideias e observações feitas aqui podem ser difíceis de serem aceitas. Será preciso disposição para deixar de lado a forma de pensar comum e já estabelecida, e a abertura a novas ideias que, por vezes, podem parecer em desacordo com a sabedoria normal e aceita. Mas, para manter essa abertura, não é necessária a aceitação automática dessas ideias. Isso deve surgir a partir da observação e do julgamento do próprio leitor.

Algumas ideias aqui apresentadas, especialmente aquelas na esfera da economia e do dinheiro, colocam o entendimento convencional desses temas de cabeça para baixo e, portanto, podem requerer um tempo considerá-

vel para seguir com a leitura até o fim. Outras, por sua vez, só terão sentido quando consideradas no contexto do todo.

Da mesma forma, alguns conceitos que apresento relativos à natureza da evolução humana e ao desenvolvimento da consciência humana podem conflitar com o que é ensinado hoje. Conforme se desenvolve a consciência humana, cada nova etapa não substitui completamente a etapa anterior. O que existia em um estágio anterior prossegue em uma forma complementar. Aquilo que havia no passado deixa vestígios que ainda são percebidos no presente. Com uma observação cuidadosa e disciplinada, é possível discernir na natureza interior de cada indivíduo, de outras pessoas e da sociedade em geral, sentimentos específicos, inclinações e características que parecem ter se originado em tempos muito antigos, algo que se carrega há longos períodos. Já outros são claramente de origem mais recente.

Tento não apresentar observações e teorias com o propósito de desaprovar qualquer pensamento econômico ou social normalmente aceito, mas procuro oferecer uma visão alternativa para a vida social, e que seja derivada de uma observação imparcial. O próprio leitor é quem poderá decidir qual imagem é mais real em sua totalidade e qual proverá uma base mais firme para um futuro social saudável.

Muito do que será apresentado pode parecer impossível de ser realizado – uma utopia. Mas tudo que descrevo nasce da observação da vida real, de coisas existentes. Tudo poderá ser verificado por qualquer pessoa capaz de notar a vida ao redor, desde que despojada de teorias ou certezas anteriores. Se algo parecer fantasioso, isso se deverá a nossa forma de pensar atual e às nossas certezas.

O que é aqui oferecido não vai satisfazer alguém que busca por uma “frase de efeito”, uma “solução rápida” ou um “curativo” que possa trazer alívio imediato para qualquer um dos muitos problemas que assolam a sociedade de hoje.

*

A ideia de que a vida social humana, ou comunidade, é composta por três esferas separadas e individuais foi apresentada pelo filósofo, cientista, educador e pensador social austríaco Rudolf Steiner (1861-1925) no início do

século 20. Quase ao final e imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, ele escreveu artigos e um livro, lançado em 1919, e deu muitas palestras sobre o tema, então chamado de “A Ordem Social Trimembrada” ou “A Comunidade Trimembrada”, como foi inicialmente traduzido. Seu principal livro está publicado em português com o título *Os pontos centrais da questão social – Aspectos econômicos, político-jurídicos e espirituais da vida em sociedade*. Em 1922, ele deu quatorze palestras para alunos de Economia em que estabeleceu uma abordagem completamente nova ao dinheiro e ao pensamento econômico. Mais recentemente, essas palestras foram publicadas em português sob o título *Economia viva – O mundo como organismo econômico único*.

O que Steiner apresentou àquela época me abriu a uma nova forma de abordar as questões sociais, econômicas e monetárias da atualidade. Com a fundamentação dele e as minhas próprias observações e estudos sobre a vida, cheguei às ideias que agora trago neste livro. Não fossem pelos fundamentos que encontrei em Steiner, eu não teria alcançado os pontos que vou apresentar; porém, ainda que baseado no que ele trouxe, não há nada aqui que eu mesmo não tenha confirmado por meio da minha atuação e observação na vida social e da aplicação do pensar e do “senso comum”.

É impossível oferecer em um livro mais do que um esboço do que vêm a ser as três esferas da vida social e a natureza de cada uma delas. A vida social é um tema muito profundo e complexo, e para investigá-la detalhadamente seriam necessários diversos livros, o que certamente estaria além do escopo de qualquer pessoa. Há muito mais do que vou esboçar aqui. Não é minha intenção demonstrar a aplicação dessas ideias em uma comunidade específica, mas sim apontar a realidade da natureza trimembrada da própria sociedade humana e o muito que está oculto ou distorcido atualmente na vida social. O importante é a imagem geral, e é isso que espero comunicar ao leitor. O detalhe é visto como um passo em direção a essa imagem maior e não é tão importante isoladamente.

A princípio, qualquer estudo tão radical sobre a vida social é como tentar montar um quebra-cabeças complexo sem ter a imagem final como referência. Podemos juntar algumas peças aqui e outras tantas ali. Daí, vamos percebendo fragmentos da imagem, mas não há nada que sugira como essas peças devem se juntar para formar o todo e completar o quebra-cabeças. Gradualmente, quando os fragmentos começam a crescer e a se encaixar

é que a imagem final emerge. Uma complicação posterior, no entanto, é que um quebra-cabeças fica completo quando todas as peças são montadas, o que não é verdade quando falamos da vida social. A humanidade está em constante estado de crescimento, evolução e mudança, ou de declínio. Fazemos parte de uma sociedade, somos condicionados por ela e nossas ações a afetam. Ao montar um quebra-cabeças, não fazemos parte dele e nem somos transformados por ele. Ao tentar caminhar em direção a uma sociedade mais humana, temos que evitar começar a jornada com qualquer ideia preconcebida e, possivelmente, incorreta de como será a imagem final dela.

Pode ser necessário muito tempo de estudo para se chegar à conclusão de como as diferentes peças devem se juntar para formar o todo. Ainda assim, podemos não ter a mínima ideia do que, de fato, faremos com isso. Mas tudo poderá ser muito mais difícil se continuarmos pensando, mesmo inconscientemente, com base em reminiscências da imagem de uma sociedade unitária e hierárquica.

Leitores que buscam a confirmação das ideias aqui apresentadas, seja por citações de outros autores, seja por referências a eventos específicos, vão sentir-se profundamente decepcionados. Do meu ponto de vista, o verdadeiro conhecimento sobre um tema surge somente quando é possível confirmar ou rejeitar algo a partir da minha própria experiência ou observação da vida. Muito mais do que quando buscamos opiniões de especialistas ou nos debruçamos sobre eventos isolados.

Aquilo que encontramos em nossa própria busca por conhecimento nos leva à verdadeira compreensão e ação. O mesmo não acontece quando fazemos o que nos dizem ou quando não levantamos nenhuma pergunta sobre qual seja o tema. Se, ao final do livro, os leitores tiverem mais perguntas do que quando começaram a leitura, então terei sido particularmente bem-sucedido. Pode parecer que estou pedindo muito dos leitores, que tudo é mais difícil do que realmente é, mas a vida frequentemente mostra que pouco se ganha seguindo o caminho mais fácil. Se assim fosse, muitos dos nossos problemas teriam sido compreendidos e solucionados há tempos.

Uma percepção completa do que é dito neste livro não será possível imediatamente. Alguns conceitos podem levar anos, talvez gerações, para serem compreendidos. Mais que tudo, é importante perceber e entender a natureza inerente da trimembração da vida social. Já existem muitas pessoas,

de várias tendências e campos de atuação, que vislumbram algo sobre esse tema, mas precisamos chegar ainda mais longe.

A observação nos mostra que já existem indivíduos nos negócios, nas indústrias, nos sindicatos, na política, nos meios de comunicação e em muitos outros âmbitos da vida social que buscam outras formas de pensar. Pessoas que percebem que o modo antigo de atuação não responde mais às complexidades sociais de nossos tempos. Normalmente, são pessoas de grande capacidade, em posições que lhes permitem iniciar uma mudança na estrutura social – desde que munidas de conceitos e formas de pensar compatíveis com a realidade. O que ofereço aqui é direcionado a essas pessoas, para que elas tenham, no mínimo, novas ideias e conceitos que possam ser levados adiante na vida social prática.

Não importa quanto tempo demore para que o objetivo seja atingido; caminhar nessa direção poderá criar grandes mudanças na percepção geral de consciência e comportamento.

PARTE 1

Capítulo 1

A necessidade da mudança

Um olhar para o curso da evolução humana mostra que os últimos séculos produziram enormes avanços na tecnologia e nas possibilidades de produção industrial. Avanços que excedem quaisquer outros que existiram antes, tanto em escopo como em velocidade. Hoje, pela primeira vez, a humanidade tem à sua disposição o *know-how* e a habilidade para produzir o suficiente para todos os seres humanos do planeta; o suficiente para que todos possam usufruir um padrão de vida razoável no que tange a satisfazer as necessidades físicas da vida. Que isso de fato é realizável pode ser confirmado por qualquer pessoa que observa as reais possibilidades proporcionadas pelo desenvolvimento da ciência moderna e da tecnologia e pelos atuais métodos de produção econômica e distribuição, a partir de um olhar bem objetivo, abandonando todas as ideias e sentimentos preconcebidos. Tal satisfação das necessidades poderia ser atingida sem que ninguém tivesse que passar sua vida produtiva nas condições desumanas presentes em muitas de nossas fábricas e minas. Poderíamos proporcionar aos indivíduos tempo e energia para participar de atividades da vida cultural, o que alimentaria a vida interior de sua alma. E tudo isso poderia ser conquistado sem os altos níveis

de degradação e risco ao meio ambiente hoje presentes. Que ainda exista tanta pobreza, falta de moradia, fome e sofrimento no mundo não é devido à nossa inabilidade em produzir e distribuir o que necessitamos. Não é um problema econômico, tampouco financeiro — é um problema social.

Não é aceitável atribuir à falta de dinheiro nossa atual falência social. Dizer que não há dinheiro o suficiente equivale a dizer que algo não pode ser feito porque não há como contabilizar essa necessidade. Não é que não temos os meios de produzir o que é necessário — é, acima de tudo, que não temos a forma correta de pensar que traga à realidade todo o potencial do que agora é possível, além de uma correta estrutura social.

Mas o que é um padrão de vida razoável? A Terra não comportaria sua população se todos vivessem com o mesmo nível de consumo que nós, das economias desenvolvidas, praticamos, ou gostaríamos de praticar. E conseguimos usufruir desse nível de consumo pelo simples fato de que existe uma vasta parte da população obrigada a sobreviver com muito menos. Isso se torna claro ao reconhecermos quantos dos produtos que usamos são produzidos por mão de obra barata, formada por pessoas que raramente conseguem usufruir dos itens que produzem para outras pessoas. Também se torna claro ao olharmos para o consumo de petróleo, gás e outros recursos praticado por uma pequeníssima parte da população. O uso extravagante desses recursos nos países desenvolvidos não traz, necessariamente, mais felicidade à sua população.

Um padrão de vida razoável para todos somente será atingido se aqueles que vivem em países desenvolvidos reduzirem suas expectativas e demandas, permitindo, assim, àqueles em países menos desenvolvidos aumentarem as suas. Mas, nesta situação atual, isso seria inaceitável para as pessoas dos países desenvolvidos. Somado a isso, uma economia é considerada saudável e sustentável apenas quando seu produto interno bruto (PIB) cresce ano a ano e, principalmente, quando ele é percebido como crescente. Para piorar, as atuais estruturas financeiras e legais são construídas de tal forma que o sistema financeiro entra em crise ao se perceber qualquer movimento contínuo de queda no PIB.

O que é verdade para o mundo como um todo também é verdade para cada país individualmente. Aqueles que “criam” ou “fazem” dinheiro por meio dos mercados financeiros consomem uma parte desproporcional do total produzido, enquanto os que ganham seus salários trabalhando nos meios de produção e serviço têm que se satisfazer com muito menos.

O padrão de vida de um povo específico deveria ser julgado somente por seu consumo econômico? Deve haver, sim, um nível básico razoável, mas, além desse fator: ter mais leva necessariamente a mais felicidade? Isso é comumente aceito como verdadeiro, ou seja, mais dinheiro e mais de tudo que ele possa comprar trazem mais felicidade para nossa vida; posses materiais, uma casa e um carro grandes e caros, a possibilidade de viajar, passar férias no exterior e, talvez acima de tudo, sem precisar trabalhar são as coisas que podem preencher nossa vida. Porém, a observação atenta e objetiva da vida, apoiada por uma crescente pesquisa psicológica acerca do tema, mostra-nos que ter mais não contribui necessariamente para mais felicidade. Em dado momento, o senso interno de qualidade de vida começa a diminuir conforme alguns fatores como estresse, medo, falta de propósito e sentimento de isolamento reduzem qualquer percepção de felicidade, autorrealização e paz de espírito.

Seres humanos não são meros consumidores de produtos, também existem necessidades da alma a serem consideradas, por exemplo: criar, desenvolver habilidades e interesses latentes, buscar uma compreensão mais profunda da vida. Esse aspecto da vida humana somente pode ser atendido por uma *esfera cultural* vibrante e saudável na comunidade em que vivemos. Nossa percepção de padrão de vida não deveria incluir as qualidades culturais e morais da comunidade, bem como a riqueza da vida espiritual de seus membros, e não apenas os fatores pertencentes ao PIB?

Ao longo de toda a história, diferentes culturas, instituições e estruturas sociais surgiram para atender a um povo e uma época específicos e, então, foram superadas e substituídas por outras, ou entraram em decadência e desapareceram.

Se retrocedermos alguns séculos, especialmente na Europa, veremos estruturas sociais construídas sobre alicerces bem distintos dos existentes atualmente. A sociedade era composta por uma aristocracia dominante sobre uma classe média e um proletariado que, certamente em tempos an-

teriores, reconheciam sua posição na sociedade como um desígnio divino. O lugar da aristocracia como líderes, legisladores e proprietários de terras era algo adquirido com o nascimento, ou seja, pela hereditariedade. Mas, embora nessa época essa ordem social parecesse um arranjo divino e imutável, conforme a natureza do ser humano evoluiu, essa estrutura tornou-se cada vez mais decadente e, finalmente, por volta da Primeira Guerra Mundial, ela foi banida.

A partir daí, emergiram duas ordens sociais opostas e polares: o comunismo e o capitalismo ocidental baseado em uma economia de mercado. Ambas podem ser vistas surgindo de reais necessidades sociais e evolucionárias. O comunismo, porém, perdeu seu impulso original e tornou-se decadente e destrutivo, e também deixou de existir, embora algo ainda sobreviva de forma distorcida. Atualmente, o capitalismo e a economia de mercado já dão sinais de terem crescido além de seus propósitos benéficos iniciais e chegaram a um ponto no qual, primordialmente, servem ao egoísmo e à ganância daqueles que estão em posição de “atuar no mercado”. Se olharmos para as esferas econômica e financeira da atividade humana, não isoladamente, mas para a sociedade como um todo, pode-se perceber que elas não poderão durar muito tempo se continuarem funcionando da forma como vemos hoje. O capitalismo e a economia de mercado atingiram um ponto em que se tornaram crescentemente destrutivos para a sociedade. Isso fica claro quando se estuda as contínuas crises financeiras ao redor do globo, a diferença cada vez maior entre ricos e pobres, a imensa degradação ambiental em algumas partes do planeta e as iminentes catástrofes ambientais causadas pela mudança climática, entre outras questões atuais.

Então, o que deve existir para além do capitalismo? Essa é uma pergunta que precisa ser acalentada. Ou não é possível saber a resposta e preparar o caminho? Será que isso chegará, como já aconteceu no passado, por meio de convulsões sociais, revoluções e sofrimento geral produzidos pelo colapso do sistema atual?

Houve um tempo em que uma igreja, uma catedral ou um templo era erigido no centro de uma cidade ou vila servindo como ponto central daquela comunidade. Sendo uma realização arquitetônica de grande beleza, era tido como a “Casa de Deus”, um lugar que irradiava direcionamento moral e inspiração às pessoas que viviam e trabalhavam ao seu redor. Hoje em dia, as

grandes igrejas e catedrais são pouco mais que atrações turísticas, restos de tempos muito antigos. É bem mais provável que os altos edifícios de bancos, escritórios financeiros e centros de negócio que se erguem ao céu sejam os grandes marcos de arquitetura em nossas cidades. Seriam esses edifícios templos de outra natureza? Seriam eles os símbolos daquilo pelo que as pessoas lutam e que pode trazer direção e propósito às suas vidas?

Na religião, as pessoas olhavam com reverência para algo que sentiam ser bem maiores que elas próprias, algo que, sendo a fonte de sua natureza, trazia significado e propósito para sua vida. Encontravam no divino propósito e direção. Buscavam na lei de Deus orientação para a vida, segurança e esperança em uma recompensa futura. Nos frutos e produtos da natureza viam os presentes de Deus. Ao seguirem seu líder – o rei, o faraó, o sacerdote –, estavam seguindo o representante de Deus, aquele por meio de quem Deus falava.

No entanto, hoje a maior parte das pessoas, ao menos no mundo desenvolvido, age como se não houvesse nenhum Deus, nenhuma autoridade divina, nenhuma lei moral externa a elas mesmas. Ainda que a religião tenha alguma importância, ela representa uma conexão muito sutil e, geralmente, limitada à vida privada de um indivíduo, não determinando suas ações externas na vida cotidiana. As religiões, incluindo aquelas de populações das nações não desenvolvidas, onde ainda detêm muito poder, falam de um Deus que em tempos muito remotos conversava com os seres humanos. Cristianismo, judaísmo, islamismo e budismo, da forma como praticados hoje em dia, tentam proclamar os ensinamentos conforme foram feitos em tempos anteriores – as vozes que declararam aquelas verdades já não podem ser ouvidas atualmente.

Em todas as regiões do mundo onde a vida social é baseada na forma específica de um pensar capitalista surgido no mundo ocidental – Estados Unidos e Europa –, o dinheiro substituiu a crença em Deus como aquilo que motiva as pessoas e dá a elas direcionamento e propósito de vida. O dinheiro tornou-se uma influência sempre presente, exercendo domínio sobre como pensamos e vivemos, sobre o nosso senso de valores e nossas ações. Ele substituiu o ordenamento divino, que, em outras épocas, guiava a vida de uma pessoa e dava a ela propósito, segurança e esperança em um futuro melhor aqui na Terra ou em uma recompensa após a morte.

*

O alimento que comemos normalmente não é produzido a partir de um desejo ou necessidade do produtor em propiciar uma alimentação boa e saudável. Em vez disso, a motivação primordial é ganhar dinheiro. O mesmo acontece com as roupas que usamos, os remédios de que precisamos, as casas nas quais vivemos, o entretenimento que buscamos. Obviamente existem muitos que produzem motivados por razões diferentes, com um impulso verdadeiro de servir às pessoas ou proporcionar o necessário para uma vida saudável, mas, no conjunto, esses são uma minoria. Os produtores movidos pela urgência de ganhar dinheiro acabam por tirar do mercado aqueles que desejam servir.

Isso tem mesmo que ser assim? É realmente impossível mudar a tendência de nossos tempos? As gigantescas instituições financeiras, os bancos, as bolsas de mercado futuro, as bolsas de valores desempenham um papel socialmente necessário? O que é esse dinheiro que se tornou tão dominante em nossas vidas? Em si mesmo ele é inútil, não tem substância. Ele é real ou é uma abstração, uma ilusão; ou simplesmente um meio para cuidar de valores? Se for assim, de quais valores ele cuida?

O dinheiro não foi criado pela natureza, nem por Deus – foi criado por seres humanos. Mas agora ele cresceu para muito além do controle exercido pela humanidade que o criou. Assim como no clássico *O aprendiz de Feiticeiro*, de Goethe, parece que seu criador é incapaz de controlar aquilo que ele mesmo libertou.

Através dos tempos, o dinheiro e o sistema monetário capitalista passaram a existir como uma parte da estrutura da vida social humana. Se queremos controlar o dinheiro e fazê-lo servir à humanidade – e não a humanidade servir a ele –, temos que buscar mudar não o dinheiro em si, mas aquilo que na evolução da estrutura social trouxe à luz o que hoje percebemos.

Embora muitas estruturas sociais tenham surgido e desaparecido ao longo dos tempos, ainda existe nos alicerces de muitas de nossas estruturas atuais algo cuja origem remonta às antigas teocracias, nas quais não havia um pensamento sobre a democracia, a igualdade ou a liberdade individual. Elas foram formadas quando a vida humana era muito diferente e mais simples do que hoje. Naquela época, o grupo ou a tribo era a força ou unida-

de social dominante. No presente, e cada vez mais, o indivíduo se coloca no mundo livre da herança rígida de costumes antigos.

Por trás de toda atividade e do pensamento social da atualidade existe a percepção básica de que a sociedade é uma unidade com um governo ou líder provendo liderança, direcionamento, gerenciamento e controle do todo. A sociedade é concebida como uma pirâmide composta por várias pirâmides menores. Esse é o formato que pode ser reconhecido em, potencialmente, todos os agrupamentos sociais, sejam eles governamentais, de negócios ou educacionais, não importando se democráticos, religiosos, comunistas, paternalistas ou ditatoriais. À frente de tudo, normalmente apoiado por um grupo ministerial ou outro grupo de comando, está o primeiro-ministro, o presidente, o chefe de comando executivo, o diretor ou o capitão. O direcionamento, a sabedoria, as leis e as decisões que afetam a todos fluem de cima para baixo, a partir dessa autoridade. Esse é um formato que vem das teocracias da antiguidade; é um modelo adequado a um tempo em que as pessoas aceitavam o fato de o seu líder, rei, faraó ou sacerdote receber a sabedoria diretamente de Deus. Isso ainda é adequado para os dias de hoje?

*

Uma observação minuciosa e objetiva da sociedade mostrará que, de fato, ela é formada por três distintas esferas ou fluxos, cada uma com sua própria função e propósito, e cada uma funcionando de acordo com suas próprias leis. Uma vez reconhecida e compreendida essa natureza trimembrada, será possível iniciar a transformação da sociedade para algo mais apropriado às pessoas no mundo de hoje.

Nos capítulos seguintes, tentarei primeiramente esclarecer essas três esferas ou setores e mostrar como nossa vida social pode ser renovada de forma a satisfazer as necessidades presentes e imediatamente futuras da humanidade, com base em um trabalho conjunto e harmônico das três instâncias independentes. A percepção dessa estrutura trimembrada proverá os conceitos com os quais poderemos examinar o dinheiro sob nova luz, especialmente aqueles aspectos de nossa estrutura social que formam a base do atual sistema capitalista. Isso será tratado mais adiante, na segunda parte do livro.

Uma das maiores dificuldades a serem superadas é essa imagem tão enraizada, nascida na Antiguidade, de uma sociedade como um único corpo e com uma autoridade central em seu topo, decidindo e se responsabilizando por todos os aspectos dela. Antes de a superarmos, uma nova imagem deve ser construída: a de um só corpo formado por três âmbitos separados e autônomos que trabalham juntos – cada esfera possuindo seu próprio e específico corpo diretivo, mas as três juntas formando uma só entidade. Muitas pessoas imediatamente se sentem desconfortáveis com essa visão. Elas temem que desordem e conflitos possam emergir dessas três esferas se não tiverem uma autoridade coordenadora central. Só haverá esse problema se continuarmos pensando em termos de três esferas independentes, porém similares, cada uma sendo uma réplica do agora existente estado unitário. Mas uma esfera não é uma réplica das outras; cada uma é organicamente diferente e, nessas diferenças, complementam as demais.



Continue sua leitura do livro!



[CLIQUE AQUI](#) para comprar seu exemplar
ou acesse pelo QR Code abaixo.



Em todo o mundo, mais e mais pessoas estão acordando para a grave seriedade de nossa atual situação social, ambiental e econômica. Em paralelo, aumenta a compreensão de que o pensamento que nos trouxe até aqui será insuficiente para avançarmos do modo saudável, holístico e humano que a maioria de nós deseja.

Apesar das últimas crises financeiras e do reconhecimento cada vez maior de que o *business as usual* não é sustentável, nada de fundamental em nosso entendimento ou abordagem mudou ainda.

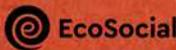
Um novo olhar para o nosso mundo se faz necessário agora como nunca antes. *Para além do capitalismo* oferece uma resposta a esse apelo, que exige ser considerado com seriedade e mente aberta.



Empresas que apoiam e estimulam a reflexão e o diálogo sobre os conceitos e temas trazidos por este livro



Plongē



ISBN: 978-65-89686-17-0



Realização:

